



Inês Tapadas
Psicóloga



www.clinicadaeducacao.com

O meu lugar no divórcio deles



FOTO: TILONAT5

A criança que, normalmente, tem de passar por uma situação de divórcio no seio da sua família, gere consigo própria, e com os outros, uma série de emoções e estados afectivos confusos que nem sempre são fáceis de lidar.

A criança nesta situação pode adoptar determinados comportamentos, utilizando estratégias diferentes, sendo que cada criança é um ser único, que reage de forma própria. Vamos analisar cada um dos casos de seguida.

A CRIANÇA «CRIANÇA»

Aquele que se aproveita da situação para “chantagear” os pais, tentando tirar partido de um, utilizando o outro como “arma”. É importante, nestes casos, o filho perceber que os pais comunicam e que falam sobre si, que estabelecem acordos e que falam sobre o que devem fazer por ele/filho, e devem-lhe passar a mensagem em como deve continuar a ocupar o seu lugar de criança.

Nestes casos, os pais não devem ceder à chantagem emocional dos seus filhos, devem sim levá-los a compreender que os limites se mantêm e que as regras são as mesmas, visto que os pais as estabelecem em conjunto em prol do filho, mesmo estando divorciados.

A CRIANÇA «ADULTO»

É a criança que gere a relação entre os pais, ou seja, ela verifica que quando os pais se encontram na sua presença, e não conseguem comunicar, surgem uma série de discussões entre ambos, logo a criança evita tocar em assuntos que levantem polémica e que magoem algum dos progenitores.

Existem também situações em que a criança se apercebe de que um dos progenitores não assume o seu papel parental e com isso vê-se obrigada a ser ela a tomar decisões.

“O que eu queria, era ver os meus pais juntos”, suspira o João na consulta. Pois é, mas nem sempre essa é a realidade dos filhos.

Aqui, os pais devem proteger os seus filhos no sentido de evitar que determinados assuntos sejam discutidos na sua presença, para que não se verifique um mau-estar junto da criança. Esta não deve sentir o peso da preocupação em ter de estar sempre a proteger os progenitores de assuntos/situações desagradáveis, quando deve ser ela própria a protegida.

Os adultos têm de ter a capacidade de gerir melhor uma situação “constrangedora” do que uma criança, visto terem estratégias e maturidade que podem utilizar para tal. A criança não tem essa possibilidade, porque é criança. Aqui o papel parental é fundamental

que seja adquirido pelas figuras parentais e nunca pela criança. Não vamos inverter papéis no seio familiar.

A CRIANÇA «MENSAGEIRA»

É o elo entre os pais, que só comunicam através dele. Isso, por vezes, pode ter um ponto positivo que é con-

seguir equilibrar a relação com ambos, por outro lado, existe o efeito negativo que é terem de se desgastar a inventar estratégias para manter o contacto entre os pais, ao invés de canalizar essa energia para outras actividades e necessidades próprias da sua idade.

Nestas situações, por mais dolorosa que seja a situação de divórcio, os pais têm de se organizar entre si deixando o filho à parte das suas diferenças. Não é saudável para qualquer criança sentir-se “o menino dos recados” ou “a bola de ping-pong” ou ainda “a portadora das más notícias”.

A CRIANÇA «TERAPEUTA»

Todos os filhos se sentem na obrigação e com a responsabilidade de ajudarem os pais que passam pelo divórcio. Num sentido reparador transformam-se em terapeutas dos pais.

Esta situação acontece com mais frequência quando o filho se apercebe que os pais não enfrentam a separação entre eles da mesma forma. Para um a separação é um acto consumado, para o outro pode não ser. Estas crianças carregam um peso que não era suposto terem e necessitam de apoio psicológico.

A criança, neste caso, por vezes inicial-

mente, até se sente importante e prestável por poder ajudar o pai/mãe, o que a leva a sentir-se bem, no entanto, quando a situação se arrasta no tempo, e com questões que só os adultos podem resolver, a criança começa a não conseguir dar capacidade de resposta ao problema e para ela esta situação toma dimensões enormes que a vão perturbar a todos os níveis, daí necessitar de apoio psicológico.

A CRIANÇA «ESTORVO»

Normalmente estas crianças surgem em famílias reconstruídas, onde um progenitor se volta a unir a alguém e tem outro filho. Nestes casos, a criança sente que deixa de ter a mesma importância que tinha e menciona muitas vezes: “O meu padrasto não gosta de mim, só liga ao outro filho”, refere o Rafael numa das suas consultas.

Mais complicado se torna quando não é o padrasto/madrasta, mas sim, o próprio pai/mãe a manifestarem o quanto o filho é incomodativo. Aí podem surgir situações de suicídio por parte das crianças que se sentem desvalorizadas diariamente.

Os pais devem estar alerta para estas situações. É importante que dêem uma

especial atenção a estas crianças, principalmente se surgir conflito/rivalidade fraterna (entre irmãos). A criança deve sentir que faz parte da família, que é um membro importante e que tem um papel a desempenhar na mesma. A atribuição de pequenas tarefas que impliquem alguma responsabilidade fazem-nos sentir úteis, ex: ajudar a pôr a mesa; ajudar a fazer um bolo; fazer a sua cama. Mostrar afecto diariamente com pequenos gestos ou palavras faz com que a criança se torne mais segura de si e do que os outros sentem por ela.

Existem muitas mais formas de as crianças, que passam por um divórcio, se manifestarem, no entanto, se o mesmo decorrer “civilizadamente” e salvaguardando sempre o bem-estar físico, social e psicológico da criança, o processo torna-se mais simples, claro e menos doloroso para um filho.

É sempre importante que o filho compreenda que não tem qualquer culpa neste processo e que é algo que ocorre apenas entre os seus progenitores. É igualmente importante que lhes expliquem que o seu papel de filho se mantém e que os pais o vão amar sempre e da mesma forma, independentemente das suas vidas futuras. ■

3 NOVOS POSTERS educativos e pedagógicos

Iniciamos neste número uma série de posters sobre Rotinas na Creche, sendo o primeiro a Alimentação. Há que ecartar, cartonar e plastificar cada uma das imagens pequenas e o poster para que fiquem mais resistentes. As imagens devem ser afixadas numa parede – à altura das crianças, rente ao chão – e numa primeira fase o objectivo é descobrir os diferentes objectos familiares, nomeando-os; numa segunda fase, o adulto pode afixar a imagem com a criança sentada a comer, estimulando a criança para que esta verbalize o nome de cada um dos objectos e incentivando-a a encontrar o respectivo objecto nessa imagem. Os objectivos pedagógicos são: desenvolver o vocabulário, a capacidade de observação e a capacidade de efectuar correspondência termo-a-termo, encontrando os objectos iguais, partindo de situações que fazem parte do dia-a-dia da criança. Um agradecimento especial à Instituição Associação de Promoção Social da Castanheira do Ribatejo (www.apscastanheira.pt), pela disponibilidade na cedência das suas instalações e alunos para a reportagem fotográfica.

O segundo poster é o Jogo das Emoções, para tal há que colar uma cartolina ou cartão no verso do poster e da seta e plastificar; furar o centro do círculo e o extremo da seta e colocar como se fosse um

ponteiro. As crianças poderão rodar a seta e falarem sobre uma situação em que tenham sentido a emoção correspondente ou mesmo imaginá-la. Poderão utilizar os cartões para os segurarem enquanto falam sobre a situação, facilitando esse processo. Os objectivos pedagógicos são: desenvolver a capacidade de verbalizar e aprender a lidar com emoções (ver artigo publicado neste número).

O último poster Mapa de Portugal, tem como objectivos pedagógicos desenvolver a capacidade de observação, atenção e organização visuo-espacial. Permite ainda efectuar uma sensibilização às regiões de Portugal. O procedimento passa por colar uma cartolina ou cartão no verso do mapa e de cada uma das regiões e plastificar. As regiões deverão ser plastificadas na frente e no verso antes de as recortar. Cortar quadrados de fita de velcro autocolante e colar uma parte em cada região do mapa e outra no verso de cada uma das regiões. A criança deverá reconstruir o mapa de Portugal, colocando cada região no respectivo local, observando quer a forma quer o nome escrito de cada região.

